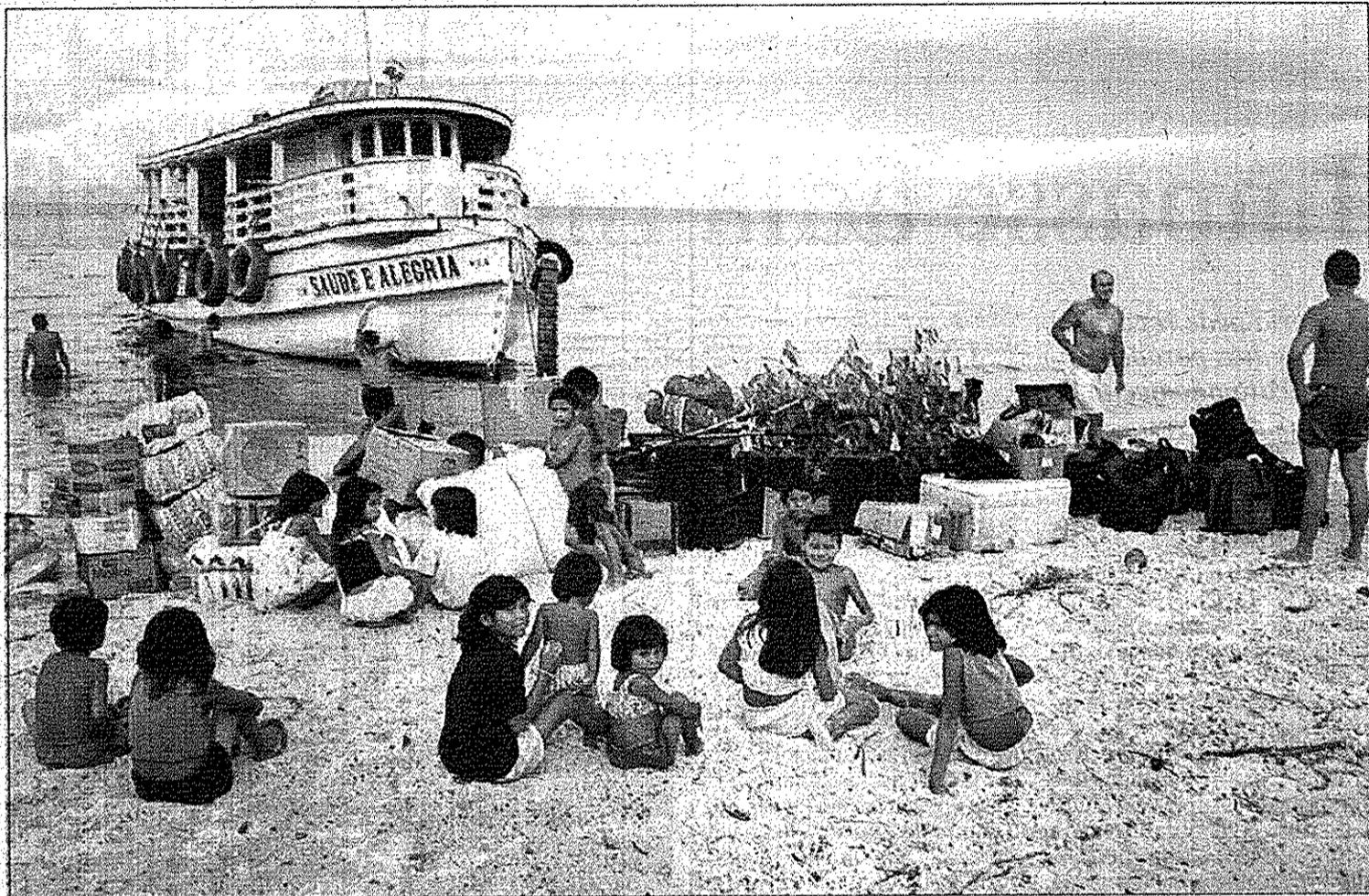


SAÚDE

Divulgação



Barco do Projeto Saúde e Alegria chega com mantimentos e remédios a uma comunidade ribeirinha da Amazônia, no Pará

Divulgação

Um programa que faz bem aos moradores e à floresta

Médico infectologista montou o Saúde e Alegria na Amazônia, distribuindo sorrisos

HERTON ESCOBAR

Eugênio Scannavino Neto é um ambientalista atípico. Médico infectologista, passa pouco tempo ocupado com as árvores. Prefere distribuir cloro para as comunidades ribeirinhas, educar mulheres sobre a prevenção de doenças sexuais e estimular a valorização da cultura tradicional entre os mais jovens. Costuma dizer que sua maior recompensa, e a maior riqueza da Amazônia, é o sorriso de uma criança. E, com esse sorriso, tem certeza de estar protegendo a floresta tanto quanto qualquer outro.

“O maior gargalo ambiental da Amazônia está no social. As únicas pessoas que podem salvar a floresta são aquelas que vivem lá e dependem dela para sobreviver, mas elas também precisam de ajuda. É preciso fortalecer essas sociedades para que elas possam defender o meio ambiente”, diz Scannavino, fundador e coordenador do Projeto Saúde e Alegria (PSA), que desde 1987 cultiva sorrisos ao longo dos Rios Amazonas, Tapajós e Arapiuns, no Pará. Ele cita

o exemplo de um homem que vendeu mil troncos de mogno — madeira nobre e ameaçada — a uma madeireira por apenas R\$ 700, porque precisava do dinheiro para remédios. “É um problema de origem econômica, de saúde e educação, mas que resultou em um grave problema ambiental.”

Além de ser um dos escolhidos para receber o Prêmio Milton Santos de Saúde e Ambiente, da Fiocruz, o projeto foi apresentado em uma conferência das Nações Unidas em Estocolmo, no início do mês, e eleito um dos 21 projetos mais pioneiros do século pela World Media. A organização não-governamental emprega uma equipe de mais de cem voluntários e técnicos — de motoristas a médicos e agrônomos —, que atendem cerca de 19 mil pessoas em uma área do tamanho do Estado de Alagoas. Com uma série de medidas simples e baratas, a organização reduziu significativamente a mortalidade infantil, melhorou os índices de escolaridade, organizou a agricultura familiar e promoveu o desenvolvimento sustentável na região.



Scannavino e um paciente

A maior causa de mortalidade infantil entre as comunidades da floresta, que bebem água direto dos rios, por exemplo, é a diarreia. Apenas com a distribuição de cloro solúvel, a um custo de R\$ 0,07 por família ao

EQUIPE TEM MAIS DE CEM VOLUNTÁRIOS E TÉCNICOS

mês, o índice de mortalidade nas áreas atendidas pelo projeto caiu de 53 para 23,3 a cada mil crianças nascidas vivas. Outros itens prioritários para o programa são a pedra sanitária (R\$ 7 por família), para tapar as fossas, e poços para o armazenamento de água potável (R\$ 700 para 10 famílias). “As soluções para a Amazônia são extremamente simples”, afirma Scannavino.

Heitor Hui/AF-2/12/2000

A ONG também promove campanhas de vacinação e monitora a saúde das crianças a cada três meses. Os voluntários, muita vez fantasiados de palhaços, estimulam boas práticas de higiene e ensinam como preparar soro caseiro e a chamada farinha múltipla, uma “bomba nutritiva” preparada com grãos e sementes. O símbolo do projeto é o Gran Circo Mocarongo, com atrações educativas — ou puramente divertidas —, protagonizadas pelas próprias comunidades. Além da Rede Mocaronga de Comunicação Popular, que conta com jornal e estação de rádio. O projeto atua ainda na agricultura, fazendo o zoneamento sustentável de lotes agrícolas, e na área econômica, oferecendo microcréditos para fixar jovens empreendedores na comunidade.

Recursos — Apesar de todo o reconhecimento nacional e internacional, o projeto sofre com a falta de recursos. A maior parte dos investimentos vem de parcerias com fundações estrangeiras. Uma estratégia para reverter esse quadro começa no mês que vem, com a exposição Amazônia.br, de 15 de julho a 18 de agosto no Sesc Pompéia.

A intenção é mostrar como é a vida na floresta e tudo de bom que a Amazônia pode oferecer, para educar a população e atrair investimentos do setor privado. “Tem muita gente querendo ajudar a Amazônia, mas só não sabe como”, conclui Scannavino.